

VOLTA O DINHEIRO DO BOATO

Leandro Fortes
e Leonardo Cavalcanti
Da equipe do **Correio**

Wanderlei Pozzembom

Da multidão de brasileiros que, sexta-feira passada, correu aos bancos para sacar dinheiro com medo de um confisco oficial, apenas os clientes do Unibanco — terceiro maior banco privado do país — conseguiram escapar sem prejuízo.

Uma circular interna da diretoria do Unibanco, dirigida à gerência geral da instituição, garantiu a boa parte dos clientes o direito de reaplicar seus recursos na poupança e no fundo de investimento do banco sem prejuízo algum. Por exemplo: um cliente cujo aniversário da poupança fosse ontem, e que sacou o dinheiro na sexta, dia 29, teria perdido 1,0189% de rendimento.

A decisão do Unibanco surpreendeu o sistema financeiro, já que nenhum outro banco tomou posição semelhante em defesa de seus clientes. “O Unibanco não é obrigado a fazer isso. Fez por opção própria, como estratégia de marketing”, avaliou Valdemir Marques, assessor de Comunicação Social da Federação Brasileira de Bancos (Febraban).

Segundo Marques, a decisão do Unibanco não foi copiada por outros bancos porque, do ponto de vista estatístico, a corrida de sexta-feira não chegou a ser um grande prejuízo para o sistema financeiro: um aumento estimado de 3% em relação ao movimento normal de saques.

O **Correio Braziliense** solicitou à diretoria de marketing do Unibanco, em São Paulo, que informasse os motivos que levaram o banco a adotar essa política de flexibilização, e qual o volume de dinheiro que foi reaplicado como consequência. A diretora de marketing do Unibanco, Denise Martinelli, informou que apenas o diretor de Produtos do banco, Rogério Estevão, poderia dar essas explicações — o que não ocorreu porque, segundo a mesma diretora, o executivo se encontrava numa importante reunião de diretoria.

REAPLICAÇÃO

O comunicado interno do Unibanco, no entanto, informou à gerência geral que o banco estaria disposto a aceitar as reaplicações porque, na avaliação da diretoria, os saques foram realizados numa circunstância “emocional” provocada por boatos.

O comunicado dizia, no entanto, que os clientes teriam prazo somente até às 12 horas de ontem — horário em que as agências abrem — para reaplicar o dinheiro. Como o documento só chegou às agências pou-



Matilde deposita de volta os R\$ 2 mil sacados na sexta: “O dinheiro é pouquinho, mas tive medo de perdê-lo. Agora é confiar no governo”

cos minutos antes das 12 horas, o prazo chegou a ser prorrogado por mais uma hora.

A atitude do Unibanco, no entanto, pode ter motivos mais práticos. A instituição teve, em 1998, um lucro líquido de R\$ 454,1 milhões, mas não conseguiu escapar da boataria que dava como certa sua venda ou, pelo menos, sua associação a outros bancos. Essas especulações aumentaram em setembro do ano passado, quando a agência americana Moody's, que classifica os riscos de investimentos em vários países, rebaixou o banco por causa da qualidade de seus créditos.

No início do ano, outra agência americana de classificação de riscos, a Fitch IBCA, também reclassificou o Unibanco. Dentro da estratégia de marketing do banco para garantir a fidelidade da clientela, o direito à reaplicação sem prejuízo pode, no fim das contas, ter sido um bom negócio.

O superintendente regional do Banco do Brasil no Distrito Federal, Paulo Roberto de Oliveira, disse ontem que os temores de confisco foram superados e a normalidade vol-

tou às 62 agências e 237 pontos de atendimento bancário do BB na capital federal. “A coisa está voltando à realidade. Foi só um boato. Não havia medo que justificasse aquela corrida aos bancos”, falou o superintendente. Segundo ele, o movimento de saques foi totalmente estancado ontem e o banco espera, agora, que os clientes que acreditaram nos boatos voltem a fazer aplicações no Banco do Brasil. Depois do tumulto da última sexta-feira

por conta dos boatos de confisco, as duas agências do Banco do Brasil no Congresso Nacional funcionaram normalmente ontem. Sem tropeços, alguns clientes que retiraram o dinheiro com medo de serem impedidos de usá-lo, voltaram ao banco para refazer os depósitos.

A auxiliar de serviços gerais da liderança do PDT, Matilde de Souza, 49 anos, foi uma das primeiras a

aparecer na agência da Câmara dos Deputados para depositar os R\$ 2 mil retirados na noite de sexta-feira. “Estava no shopping à tarde e percebi a confusão na agência do Banco do Brasil. Aí me falaram que o governo iria confiscar o meu dinheiro. Não tive dúvidas, fui lá e sa-

lo), quando ele confiscou uma parte do dinheiro dos brasileiros.”

Com a garantia do ministro da Fazenda, Pedro Malan, de que o governo não iria confiscar o dinheiro das cadernetas de poupança, Matilde resolveu recolocá-lo no banco. “Temos que dar um voto de confiança ao governo”, disse ela, que está poupando há pelo menos dois anos para viajar para a Bahia, o seu estado natal, nas suas próximas férias. “O dinheiro é pouquinho, mas tive medo de perdê-lo. Agora é confiar no governo”, concluiu.

Na sexta-feira passada, os boatos de que o governo poderia confiscar as poupanças, fundos e contas correntes dos brasileiros provocou uma correria sem precedentes aos bancos. Como um rastilho de pólvora, o boato sobre um feriado bancário a partir de sábado passado pôs lenha na fogueira. Apesar dos desmentidos do presidente Fernando Henrique Cardoso, Malan e dos gerentes de bancos, os brasileiros se mostraram desconfiados, fazendo com que o governo enfrentasse a sua primeira grande crise de credibilidade.

“A COISA ESTÁ VOLTANDO À REALIDADE. FOI SÓ UM BOATO. NÃO HAVIA MEDO QUE JUSTIFICASSE AQUELA CORRIDA AOS BANCOS”

Paulo Roberto de Oliveira,
superintendente do Banco do Brasil no DF

quei o dinheiro da minha caderneta de poupança.”

Para conseguir retirar o dinheiro da sua conta na sexta-feira, Matilde precisou de mais de três horas — as funcionárias da agência do Congresso trabalharam até às 21h naquela noite. “A fila era enorme. A primeira coisa que veio na minha cabeça foi a lembrança do governo Collor (o ex-presidente Fernando Collor de Mel-